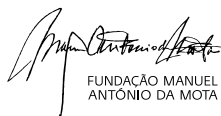


PORTUGAL E O SÉCULO XIX

Este livro teve o alto patrocínio de



FUNDAÇÃO MANUEL
ANTÓNIO DA MOTA



MGP - MOTA FAMILY GROUP

TRÊS SÉCULOS DE ECONOMIA PORTUGUESA

PORTUGAL E O SÉCULO XIX

UM SÉCULO
PERDIDO OU O
SÉCULO POSSÍVEL?

Fernando Ribeiro Mendes
Hugo Gonzalez de Oliveira

Com prefácio de
Luís Valente de Oliveira

NÃO-FICÇÃO · ECONOMIA

Índice

PREFÁCIO	9
I. INTRODUÇÃO	21
II. UM SÉCULO DE DOMÍNIO INGLÊS	23
III. A EXPANSÃO TERRITORIAL E COMERCIAL	
DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	30
IV. FACTOS RELEVANTES DO SÉCULO XIX	33
O fim do Império Napoleónico e o estabelecimento	
do «concerto da Europa»	33
O fim dos impérios coloniais de Portugal e Espanha	
na América	36
A Revolução Industrial e a industrialização da produção	
têxtil, da mineração de carvão e produção de ferro	41
1) A industrialização do sector têxtil	42
2) A indústria da mineração de carvão e produção de ferro	45
3) O transporte ferroviário	48
4) A Segunda Revolução Industrial	52
A crise do liberalismo e o despertar do nacionalismo	
na Europa	55
V. PORTUGAL E O SÉCULO XIX – UMA EVOLUÇÃO A CONTA-GOTAS	61
Introdução	61
Evolução demográfica e económica de Portugal e países	
relevantes no século XIX	64
1) Evolução da população entre 1820 e 1900	64
2) Evolução do PIB <i>per capita</i> entre 1820 e 1900	68
3) Importações e exportações entre 1800 e 1900	71

VI. O FONTISMO, A INDUSTRIALIZAÇÃO E O TERCEIRO IMPÉRIO . . .	80
A população	80
A ordem liberal	83
A sociedade e a ordem liberal	84
Instrução pública	87
Convergência económica falhada	92
Industrialização	97
A agricultura	100
A indústria de mineração de carvão e ferro	102
1) A mineração de carvão	106
2) A mineração de ferro	110
A siderurgia	113
Crescer sim, mas devagar...	114
O transporte de passageiros e mercadorias	116
1) Construção de estradas	117
2) Construção dos caminhos-de-ferro	120
3) Portos e vigilância marítima	126
Sistema financeiro	132
Terceiro Império – A perda do Brasil e a tentativa de expansão e dinamização económica das colónias africanas	134
A construção do Terceiro Império	140
ANEXOS.	149
BIBLIOGRAFIA	155

PREFÁCIO

As causas do atraso do desenvolvimento de Portugal ou da decadência peninsular têm sido objecto de escritos consequentes e fundamentados que fazem transparecer um sentimento de incompreensão se não mesmo de irritação, por não termos sabido responder aos desafios dos tempos.

Nós não estivemos sempre desfasados em relação aos outros europeus. Havia disparidades de riqueza enormes dentro do país, mas os outros também as tinham. E, praticamente até ao fim do século XVIII, não se pode dizer que o atraso fosse gritante. As invasões francesas, a abertura dos portos brasileiros e a independência do Brasil é que deram um golpe demolidor no nosso trajecto, tornando-o vacilante e descendente no seu traçado geral.

As causas são múltiplas, sendo sempre difícil reduzi-las a um ou dois factores. Seguramente, o lugar modesto atribuído à educação e à ciência teve a sua influência, como o teve também a má governação. De vez em quando, há um impulso positivo, mas logo sucede um tropeção que nos puxa para baixo. Individualmente, observam-se histórias de sucesso a muitos níveis; porém, colectivamente, a falta de disciplina e de generalização do empreendedorismo penaliza-nos. Quando emigramos, muitos de nós têm sucesso individual, mas aborrecem-nos, em geral, a organização e a aplicação num esforço continuado e colectivo.

Diz-se muitas vezes que a raiz do descompasso está em termos falhado as revoluções industriais ou comerciais, mas a outros aconteceu o mesmo e conseguiram retomar o ritmo. A Suécia representa um bom exemplo de um processo em que a constante mais

I.

INTRODUÇÃO

O século XIX foi um século de grandes mudanças a todos os níveis.

Após cerca de 12 anos de guerra quase ininterrupta (entre 1803 e 1815), que terminou com a derrota definitiva de Napoleão e de França, os países da Coligação (Reino Unido, Império Austríaco, Rússia, Prússia e Suécia) emergiram como os grandes vencedores do conflito, redesenhando o mapa europeu no Congresso de Viena de 1815, de forma a encontrar um equilíbrio entre os principais países da Europa e conter França. Com o Congresso de Viena, inicia-se uma época de paz duradoura entre as maiores potências europeias (embora tenham existido conflitos, estes tiveram apenas uma natureza regional) até 1914, ano em que começou a Primeira Guerra Mundial.

No entanto, apesar de o Congresso de Viena ter tido vários vencedores, o verdadeiro vencedor foi o Reino Unido, cujo domínio global se iria prolongar até ao final do século XIX.

Para Portugal, o século XIX também foi um século de enormes mudanças e de grande instabilidade (sobretudo na primeira metade), deixando de ser uma «média potência» devido às invasões dos exércitos de Napoleão e à independência da sua maior colónia (Brasil), o que levou a que passasse por um período de grande instabilidade política até à vitória dos liberais e às primeiras tentativas para industrializar e modernizar o país.

II.

UM SÉCULO DE DOMÍNIO INGLÊS

Militarmente, o século XIX fica marcado por dois confrontos bélicos (um deles ainda no século XVIII), que deram início a uma sucessão de acontecimentos que viriam a originar a hegemonia incontestável do Império Britânico no século XIX.

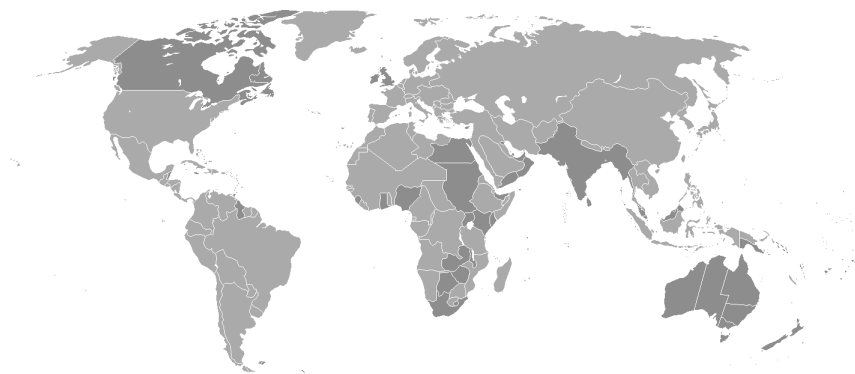
O primeiro confronto bélico deu-se no século XVIII, na Batalha de Plassey, na Índia, em 23 de Junho de 1757, na qual a Companhia Inglesa das Índias Orientais, comandada por Robert Clive, derrotou as forças combinadas do Império Mogol e da Companhia Francesa das Índias Ocidentais, assegurando o controlo da região altamente estratégica de Bengala, acabando com a influência francesa na região (embora tenham sido posteriormente restituídos a França alguns territórios previamente controlados por si) e obtendo o monopólio de comércio das maiores reservas mundiais de salitre (um mineral indispensável para a produção de pólvora, essencial para a guerra, e do qual a Europa tinha uma elevada escassez), o que determinou que este mineral passasse a ser comercializado apenas pela Companhia Inglesa das Índias Orientais, e o seu comércio restringido a todos os rivais do Império Britânico (o que prejudicou muito França, que tinha acesso ao comércio de salitre devido às suas possessões na região de Bengala e às relações comerciais privilegiadas que tinha com o Império Mogol), e proibido de ser comercializado para os países com os quais o Império Britânico estava em conflito bélico (nomeadamente França, nos séculos XVIII e XIX).

O segundo confronto deu-se no dia 21 de Outubro de 1805, na Batalha de Trafalgar, na qual se enfrentaram a esquadra inglesa (comandada por Horatio Nelson) e a esquadra francesa e espanhola

combinadas (comandadas por Pierre Villeneuve e Federico Gravina, respectivamente), que Napoleão pretendia utilizar para concretizar a invasão da Grã-Bretanha.

O resultado desta batalha, na qual a esquadra inglesa saiu claramente vencedora (as esquadras francesa e espanhola perderam 22 navios, metade da sua força naval combinada, enquanto a esquadra inglesa não perdeu nenhum navio), levou a que Napoleão abandonasse as pretensões de invadir a ilha e se concentrasse no domínio do continente europeu, e determinou que mais nenhum país na Europa e no mundo pudesse fazer frente ao Império Britânico no mar durante todo o século XIX e grande parte do século XX (apenas durante a Segunda Guerra Mundial a Marinha Real Inglesa (Royal Navy) foi superada pela marinha de guerra dos EUA em poder naval e influência geopolítica).

Figura 1 – O Império Britânico em 1898



Fonte: Wikimedia

(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:British_Empire_in_1898.png)

Esta superioridade nos mares permitiu-lhe concentrar-se em estender a sua influência económica e geopolítica em todos os continentes, recuperando dos reveses que sofreu com a perda das 13 colónias norte-americanas (que deram origem aos EUA),

consolidando a sua influência na Índia, Extremo Oriente e África, controlando as principais rotas comerciais (ver figura 2) e explorando novas rotas (como a do Canal de Suez, cuja participação minoritária na exploração do canal foi adquirida ao Egipto em 1875, e permitiu «poupar» quase quatro mil milhas na viagem até à China), que lhe permitiram consolidar e explorar os confins do seu império «onde o Sol não se põe», bem como tornar-se interveniente em vários conflitos que foram acontecendo na Europa e Médio Oriente no decorrer do século XIX, dos quais se destacam os seguintes:

- Guerra da Independência da Grécia, entre 1821 e 1829, que coligou o Império Britânico, Francês e Russo contra o Império Otomano, e que resultou na independência grega;
- As guerras liberais em Portugal, entre 1832 e 1834, apoiando os liberais, com o auxílio de França e Espanha, contra os absolutistas, com a vitória dos liberais;
- A primeira guerra carlista, em Espanha, entre 1833 e 1840, apoiando a facção liberal da infanta Maria Cristina, com o apoio também de França e Portugal (após 1834), contra os absolutistas, que resultou na vitória liberal;
- A guerra entre o Egipto e o Império Otomano, entre 1839 e 1841, apoiando o Império Otomano em coligação com a Áustria, a Rússia e a Prússia, contra o Egipto, França e Espanha, que resultou na afirmação do domínio dos Otomanos na Síria e no reconhecimento da independência do Egipto;
- A guerra da Crimeia, entre 1853 e 1856, apoiando o Império Otomano em coligação com França e Itália, contra o Império Russo, que resultou na derrota da Rússia.

Além de intervir em diversos conflitos na Europa e Médio Oriente como «agente decisor» no século XIX, o Império Britânico também procurou garantir a expansão territorial e a soberania